

OPORTUNIDADE DE OFERECER MAIS A QUEM MAIS PRECISA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Claudete Terezinha Junges

Título em Inglês:

Opportunity to offer more to the neediest in the literacy process

RESUMO

O presente texto é um relato de experiência analisado a partir de fundamentações teóricas, resultado da intenção de possibilitar maiores oportunidades a todos os estudantes de acessar a linguagem escrita e os conceitos básicos da matemática. A experiência está em andamento desde o ano de 2014, na rede municipal de ensino de Anchieta/SC e, consiste em aulas de apoio pedagógico no contraturno escolar para os estudantes, que a partir do 2º ano dos anos iniciais apresentam dificuldades na leitura, escrita e/ou compreensão dos conceitos básicos da matemática. Para a participação dos estudantes nas aulas de apoio é realizada uma avaliação criteriosa do nível de desenvolvimento dos estudantes. Percebemos a partir dos estudos da Psicologia histórico-cultural a possibilidade de todos aprender, desde que sejam realizadas mediações a partir do nível de desenvolvimento proximal dos estudantes e com processos de mediação qualificados.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Apoio pedagógico. Potencialidades.

ABSTRACT

The present paper contents an experience study analyzed from the theoretical foundations, resulting from the intention to provide greater opportunities for all students to access written language and basic concepts of mathematics. The experience is underway since 2014, in the municipal education network of Anchieta / SC, and consists of classes of pedagogical support that occur in the reverse school shift, for students enrolled from the 2nd year of the initial years onwards who present difficulties in reading, writing, reading texts, understanding the basic concepts of mathematics and / or interpretation of problem situations. A careful evaluation of the level of development is carried out for the participation of the students in the classes of support. The possibility of learning is noticeable from the historical-cultural psychology studies, since the mediations from the proximal development level of the students are performed with qualified processes.

Keywords: Literacy. Learning. Pedagogical support. Potentials

O presente artigo, traz em seu desenvolvimento, o relato de uma experiência em andamento, que se propõe a oportunizar mais possibilidades de alfabetização em matemática e língua portuguesa, aos estudantes que apresentam dificuldades nos primeiros anos de escolarização. A experiência destacada, tem como principal ação a

realização de aulas de apoio pedagógico a estudantes, que são realizadas no contraturno escolar.

A experiência relatada ocorre com os estudantes das escolas da rede municipal de ensino de Anchieta/SC, município com pouco mais de 6.000 habitantes. A rede de ensino trabalha com turmas de Educação Infantil, desde a creche até os anos finais do Ensino Fundamental. Está com aproximadamente 700 estudantes matriculados nos diferentes níveis de ensino que oferece. A rede municipal de ensino é composta por 7 unidades escolares, situadas no campo e na cidade. Na rede atende-se um percentual maior de alunos na educação infantil.

Como profissionais da educação, a partir da constante ação-reflexão-ação, precisa-se qualificar impressões, pesquisas e conhecimentos para que na prática pedagógica possa-se aprofundar conhecimentos e oportunizar a aprendizagem de todos e todas. Assim, cumpre-se o propósito da escola de construir alternativas e possibilidades para a melhoria da aprendizagem, já presente em muitas experiências educativas. Sempre ressurge um questionamento evidente ao ensinar na contemporaneidade, estamos cumprindo nosso papel de ensinar o que de melhor foi construído em nossa tradição para os estudantes? Estamos auxiliando e proporcionando a possibilidade de todos aprender? Arendt (2002), fala da competência do educador na construção do conhecimento, do que existe no mundo e da co-responsabilidade da escola com o mundo das pessoas que nos chegam: “A competência do professor consiste em conhecer o mundo e em ser capaz de transmitir esse conhecimento aos outros. Mas a sua autoridade funda-se em seu papel de responsável pelo mundo” (ARENDR, 2002, p. 10).

Precisamos ter presente nossa responsabilidade pelo mundo e pelas novas gerações, entendendo que o ser humano, ao nascer, traz consigo em potencial, tudo o que pode ser possível no desenvolvimento posterior. Somos, ao nascer, representantes pequenos da espécie humana e temos características biológicas da espécie; já trazemos conosco, marcado em nossos genes, as mudanças que ao longo de milhões de anos a espécie humana passou e as características de nossos antepassados mais recentes. Mas tudo o que seremos enquanto pessoas humanas, inseridas na cultura, será aprendido durante a vida nas relações com os outros, com os bens culturais aos quais teremos acesso, e, na possibilidade de passarmos por mediações intencionais que possibilitarão tornarmo-nos quem somos. Sabe-se que,

“... a possibilidade deste constituir-se enquanto sujeito e de se apropriar das conquistas efetuadas pela espécie está, de um lado, condicionada ao desenvolvimento do sistema nervoso, e, de outro, à qualidade das trocas que ocorrem entre os indivíduos de sua espécie” (PALANGANA, 1994, p. 126).

Afirma-se que nos tornamos mais humanos a partir da possibilidade de passarmos por processos educativos de qualidade. Considerando que nascemos com o cérebro dotado de plasticidade para aprendermos a falar, a humanidade no decorrer da longa história, criou e constantemente aperfeiçoa a linguagem como forma de comunicação e, as crianças nessa relação social com as outras pessoas, aprendem a linguagem de forma até espontânea, mas é na intencionalidade do ato pedagógico que as crianças assimilam o material fonético, semântico e gramatical da linguagem, passam a entender o funcionamento da língua que já conheciam. Por fim, que esse aprendizado promove desenvolvimento psicointelectual.

Para que possamos promover ensino de qualidade nas escolas, fundamentadas no direito de cada ser humano de ter a possibilidade do acesso ao que a humanidade produziu culturalmente, precisamos realizar ações que estejam atentas às necessidades dos estudantes, garantindo o direito de todos e todas aprender. Para tanto, é necessário proporcionar mais para quem mais precisa.

Para promover o bom ensino e aprendizagem, a escola precisa estar atenta ao desenvolvimento de todos os estudantes e potencializar a aprendizagem aos que estão com um nível de desenvolvimento menor que os demais, com a não aprendizagem, com oferta de mais possibilidades. Além disso, é importante preocupar-se com aqueles que estão acima da média de conhecimento e aprendizagem. Para esse momento, apresentamos no relato, uma experiência relacionada à potencialização, de um trabalho focado nos estudantes que estão aquém na aprendizagem.

Existe uma discussão muito grande nos meios educacionais formais, referente às não aprendizagens e, na maior parte das vezes essas análises decidem por culpabilizar as “vítimas” do processo. Sabe-se que existem vários estudos sobre o assunto. Neste texto não vamos analisar os contextos das não aprendizagens. Sugere-se a leitura do livro *Produção do Fracasso Escolar* de Maria Helena de Souza Patto (2015), que realiza uma ampla pesquisa, análise e reflexão sobre o assunto. Vamos nos ater a uma possibilidade de potencializar a aprendizagem e o

desenvolvimento de estudantes em situação de aprendizagem aquém da esperada para a idade, em determinado período.

Para que o ensino gere desenvolvimento, Vigotski¹ chama a atenção em seus estudos, para a observação na realização do trabalho pedagógico, do nível de desenvolvimento que a criança está naquele momento. Oliveira (2010) nos fala, baseada em Vigotski, que a ação educacional deve se dar nas potencialidades de desenvolvimento da criança. É necessário que todo trabalho pedagógico inicie observando o nível de desenvolvimento real, até onde o indivíduo já chegou na compreensão de determinado conceito. Uma avaliação detalhada da construção conceitual até então, é importante para o início do trabalho.

Também a partir de Oliveira (2010), afirmamos que é fundamental considerar as potencialidades de desenvolvimento da pessoa a qual ensinamos, isto é, o que Vigotski chamou de nível de *desenvolvimento potencial*. Entre um desenvolvimento e outro está o nível de *desenvolvimento proximal*, etapa do desenvolvimento que está acontecendo, em curso, no qual é possível intervir para desenvolver. Nesse momento pode acontecer a intervenção pedagógica essencial para o desenvolvimento do sujeito.

Para que haja vida plena dos sujeitos na sociedade, o que recebemos naturalmente através de nossos gens não é suficiente. Todas as pessoas têm direito a acessar tudo o que foi construído historicamente pela humanidade e esse processo nos torna mais humano à medida que temos essa possibilidade. A escola tem grande papel nesta ação.

1.1 Uma experiência de potencialização do desenvolvimento e da aprendizagem a partir de salas de apoio

Tendo de fato presente o direito de todos de aprender e que a aprendizagem gera desenvolvimento, nos comove profundamente o que podemos chamar o outro lado do aprender, ou seja os não aprendizados. E nós que somos trabalhadores da

^{1 1} Optamos nesta escrita utilizar a grafia do nome de Vigotski escrito desta forma, por ser a que mais aparece nas traduções em língua portuguesa, somente utilizo a escrita do nome do autor de maneira diferente quando estiver citado por outro autor ou nas referências.

educação convivemos todos os dias com o não aprender que está presente em nossas maiores angústias com relação à escola.

Buscando experiências que pudessem potencializar processos de aprendizagens para todos, no ano de 2014, foi proposto a partir de discussões na busca de soluções para as não aprendizagens, a existência de aulas de apoio pedagógico, no contraturno escolar, para os estudantes com dificuldades de aprendizagem em alguma área do conhecimento, mas principalmente no processo de aquisição da língua escrita, leitura e conceitos básicos da matemática.

Foi fundamental nestas discussões e na chegada da conclusão da necessidade de salas de apoio pedagógico e na implementação da ação, os estudos realizados pelos professores do ciclo de alfabetização, das séries iniciais no Programa de Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, promovido pelo Ministério da Educação e desenvolvido nas redes de ensino, com o objetivo de que todas as crianças estivessem alfabetizadas até os 8 anos de idade.

Atualmente há duas professoras, pedagogas e especialistas em Séries Iniciais que trabalham com os alunos, com 20 horas de trabalho cada uma. Os alunos são organizados em grupos de no máximo 6 alunos, conforme o nível de conhecimento que possuem. Na escolha de aulas do início do ano², as 40 horas de atividades na sala de apoio pedagógico foram colocadas no edital de vagas para os professores efetivos nas séries iniciais pudessem realizar a escolha e trabalhar com as turmas.

Os professores de cada turma indicam os estudantes que apresentam dificuldades e necessitam de atendimento individualizado nas aulas de apoio. As crianças atendidas nas aulas de apoio são provenientes de turmas regulares do 2º ao sétimo ano do Ensino Fundamental. Logo no início do ano letivo ou com algumas exceções durante o ano, os professores titulares das turmas identificam quais crianças precisam frequentar as aulas no contra turno. Em seguida, os alunos são convidados a realizar um processo de avaliação do nível de conhecimento. A avaliação dos estudantes para a participação nas aulas de apoio, são realizadas pelas professoras que trabalharão na sala e pelos profissionais de orientação pedagógica.

² Na Rede Municipal de Educação de Anchieta/SC, todos os anos os professores efetivos na Secretaria Municipal de Educação, a partir de lista das turmas existentes, escolhem as aulas que desejam desenvolver o trabalho naquele ano, classificadas conforme o período da efetivação no município.

Nesta avaliação os estudantes são inicialmente e individualmente ouvidos sobre as dificuldades que percebem para aprender na escola, por outro lado, ouvem uma explicação sobre a necessidade que possuem de terem um acompanhamento específico em alguma área do conhecimento que precisam saber mais, isto é, também se tornam conscientes da necessidade de um tempo maior para a compreensão de certos conceitos em determinadas áreas do conhecimento.

Também são convidados a colocarem o que sabem em prática para resolver algumas situações problema nas áreas de matemática e linguagens. A avaliação é composta por atividades de leitura, escrita e compreensão de textos; compreensão dos conceitos básicos da matemática, aritmética, geometria e localização.

O trabalho é focado ao desenvolvimento dos conhecimentos e conceitos das áreas de alfabetização Matemática e em Língua Portuguesa. Dentro destas áreas do conhecimento também estão elencadas atividades sobre as principais dificuldades apontadas pelos professores, objetivando a confirmação das percepções dos professores titulares ou não. A avaliação diagnóstica é realizada observando o desenvolvimento nestas áreas, para realizar o trabalho a partir do conhecimento que o estudante possui.

A partir desta avaliação a professora da sala de apoio ou orientadora pedagógica que realizou o processo de avaliação faz uma avaliação descritiva dos conceitos que o aluno já compreendeu e os que precisam ser trabalhados. Os conhecimentos que precisam ser trabalhados, se tornam a baliza para a formação dos agrupamentos de alunos para a sala de apoio, bem como, para a realização do trabalho durante as aulas de apoio. Na realização da atividade avaliativa também é observado o nível de escrita, categorização proposta por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (2008): pré-silábico, silábico, silábico alfabético, alfabético e ortográfico e que serve de percepção para as atividades de aprendizagem. Além disso, verifica-se os níveis de leitura.

Este trabalho está baseado nas teorias vigotskianas, a partir da Zona de Desenvolvimento Potencial dos estudantes, porque se entende que, é necessário trabalhar teoricamente os conceitos essenciais de cada área do conhecimento, porém a partir de atividades que não estejam aquém ou além das possibilidades de aprendizagem do estudante naquele momento. Compreende-se que a avaliação inicial e o acompanhamento dos alunos em turmas menores nos permitem perceber

as atividades que desafiam o aprendizado, que estão dentro da zona possível de desenvolvimento do estudante.

Antes de iniciar as aulas de apoio com os estudantes são chamados os familiares dos alunos para dialogar sobre a importância do trabalho de apoio pedagógico para o desenvolvimento cognitivo dos alunos e da necessidade de permitirem que as crianças participem do trabalho em horário extra-escolar, preferencialmente, por dois momentos na semana, com duração de uma hora e meia cada encontro.

Durante estas aulas, tendo presente que os estudantes já permaneceram na sala de aula durante quatro horas, são trabalhados os conceitos principais a partir de muito diálogo, situações problemas e jogos, proporcionando ao momento um caráter pedagógico sério, de muito pensamento e ao mesmo tempo lúdico e descontraído. Os jogos utilizados são buscados ou confeccionados a partir das necessidades de aprendizagem que os estudantes possuem. Está muito presente nos diálogos os conhecimentos e experiências que os estudantes trazem do seu cotidiano e os assuntos dos quais os estudantes demonstram gostar mais.

O processo de ensino da língua escrita, do sistema alfabético, é trabalhado a partir da compreensão do uso social da escrita, do conhecimento das palavras a partir de textos de uso cotidiano, dos fonemas e letras correspondentes. A consciência fonológica, como fundamenta Soares (2016) e é realizado nas aulas de apoio, permite o conhecimento do som da letra, das partes iguais das palavras, da segmentação em partes, da consciência silábica e fonêmica.

A matemática é percebida e trabalhada nas aulas como uma linguagem muito importante para a compreensão da realidade e muito presente na vida das crianças. As professoras partem da realidade dos estudantes, de suas experiências, para trabalhar a consciência dos conceitos matemáticos no dia a dia, o sentido e significado deles para a vida.

E em todos os momentos das aulas de apoio pedagógico é dito sobre a possibilidade de aprender para os estudantes participantes, eles passam a ter consciência do que precisam avançar e das suas potencialidades.

1.2 Desafios do trabalho na prática

Consideramos um trabalho interessante, exitoso dentro do compromisso de colocar o conhecimento produzido pela humanidade a serviço de todos. Porém, dentro desta proposta ainda temos desafios a superar. O primeiro deles é colocar as aulas de apoio como direito dos estudantes das Escolas Municipais, traduzindo o trabalho da prática em lei, para que o trabalho não deixe de existir durante o governo deste ou daquele administrador.

O segundo desafio que percebemos é a impossibilidade de participação das aulas de apoio de alguns estudantes que residem longe das escolas em que o trabalho acontece, que utilizam o transporte escolar e que não conseguem retornar para a escola no contraturno visto que o trabalho ocorre nas duas maiores escolas de Ensino Fundamental do município³, sendo que duas escolas não participam deste trabalho pelo número reduzido de alunos.

O terceiro desafio que vemos e que é superado a cada dia, é a não aceitação de algumas famílias da necessidade das aulas de apoio para seus filhos e também a falta de compromisso e possibilidades de algumas famílias de mandar os filhos para a escola no contraturno para participar da atividade. Por isso, algumas crianças saem da sala durante a aula para realizar o apoio pedagógico, mesmo não sendo ideal que ocorra tal situação.

1.3 Resultados do trabalho nas salas de apoio

Durante o tempo em que as salas de apoio pedagógico estão funcionando no município de Anchieta/SC, foi estabelecido um novo olhar às potencialidades de quem não aprende algo, como alguém que tem possibilidade, basta que essas potencialidades sejam trabalhadas. Porque ainda há um discurso muito presente na escola que é o da impossibilidade de alguns em aprender, com práticas medicalizantes e excludentes que são colocadas em prática após a realização dos diagnósticos.

O trabalho das turmas de apoio pedagógico, juntamente com os estudos realizados no decorrer do desenvolvimento do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa, levou para a sala de aula um trabalho com atividades de

³ As salas de apoio na Rede Municipal de Educação de Anchieta estão organizadas nas Escolas Centro Municipal de Educação e Escola Municipal de Ensino Fundamental Xavantes, estas escolas trabalham com turmas da educação infantil até o 7º ano do Ensino Fundamental.

aprofundamento diferenciado, pelos professores das turmas, que observam os diferentes níveis de aprendizagem dos estudantes e proporcionam atividades desafiadoras do aprender a todos os grupos e dentro do tema que está sendo do trabalhado com todos. Em alguns momentos ocorre o auxílio individual ou em agrupamentos, conforme o nível de aquisição da leitura e escrita ou do conhecimento que está sendo trabalhado naquele momento.

Muitos estudantes superaram a “defasagem” que possuíam, com relação ao conhecimento de conceitos, definidos pelos documentos curriculares para o nível de ensino que frequentam. Atualmente há 46 alunos da Rede Municipal de Ensino de Anchieta que participam das aulas de apoio, isto constitui 10% dos estudantes da rede que utilizam o trabalho.

1.4 Para concluir olhar a experiência a partir de um horizonte maior

A partir da teoria psicológica de Vigotski podemos observar as potencialidades de cada pessoa no estudo da aprendizagem, compreender como desenvolver estas possibilidades a partir de processos de ensino que ofereçam o máximo de oportunidades, compreendendo o processo de desenvolvimento e aprendizagem humana.

Acreditamos que o desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra (VYGOTSKY, 2007, p.80).

A compreensão, o conhecimento das potencialidades dos estudantes que fazem parte dos processos pedagógicos se torna fundamental, quando organizamos o ensino com base na psicologia histórico cultural, pois demonstra a possibilidade de superação dos impedimentos ao aprendizado, que muitas vezes acreditamos existir. Enquanto que a escola deve ser um espaço de pesquisa contínua, com constante observação dos processos, porque o aprendizado gera desenvolvimento e o trabalho intencional a partir do desenvolvimento real do estudante, promove vários outros processos internos de desenvolvimento nas pessoas que fazem parte do processo.

Fazendo uma análise deste trabalho com as turmas de apoio pedagógico nas escolas, vamos buscar Giorgio Agamben que nos diz que precisamos estar ligados

ao nosso tempo que nos prende, mas do qual devemos tomar distância, isto é, ele nos desafia a conhecer e enfrentar os problemas que se apresentam no tempo presente e no lugar em que estamos e que nos impedem de sermos melhor enquanto humanidade. Porque se o não aprender está presente é esse desafio que temos que superar.

Calvino também nos propõe duas escolhas, a partir das narrativas do Grande Khan em *As cidades invisíveis*:

O inferno dos vivos não é algo que será, se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas; aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem é o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (CALVINO, 1990, p.150)

Porque, enquanto permanecemos em nossas digressões sobre os problemas da educação e nos acostumamos a eles, a vida acontece e a educação também neste viver e educar muitas experiências de fragmentação do conhecimento, de um conhecimento que não faz sentido ou de muitas exclusões de pessoas da possibilidade de aprender. Mas há também as experiências bonitas presentes em muitos lugares, em que pessoas comprometidas pensam uma educação em que o ensinar seja possível a todos. Para tanto, faz-se necessário a sensibilidade para ver e abrir espaços para que estas experiências sejam potencializadas.

Referências utilizadas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. ARGOS: Chapecó/SC, 2009.

ARENDRT, Hannah. **A crise na educação**. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2002. Texto acessado em www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file, acesso em 05/09/2015.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Art Med, 2008;

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar:** contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia Histórico-crítica. Bauru-SP, 2011.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Marta Kohl fala sobre Vygotsky.** Vídeo produzido no ano de 2010.

PATTO, Maria H. de Souza. **A Produção do Fracasso Escolar:** Histórias de Submissão e Rebeldia. 4 ed. São Paulo: Intermeios, 2015.

SOARES, Magda. **Alfabetização a questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2016.

TOLEDO, M. **Didática da Matemática: como dois e dois:** a construção da Matemática. São Paulo: FTD, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** 7 ed. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.